Da calçada eu a avistei e, instantaneamente, senti o impulso de escrever. Narrar em minha mente desde suas curvas até o olhar contemplativo. Aqueles eram olhos perigosos, mascaravam a lascívia sob um véu de doçura, quase ingenuidade. Talvez porque amendoados e pelo escuro profundo da íris, mas o fato é que carregavam esse ar de distância ao mesmo tempo em que pareciam sondar a alma. Eram uma presença impossível de ignorar, especialmente quando se prestaram a pousar sobre os meus. Foram segundos que se arrastaram como horas.

Sonhei em beijar demoradamente aquele rosto, então deslizar os lábios desde a curva da mandíbula, hesitando ao tocar a pele do pescoço e finalmente encontrar o colo macio e aconchegante onde deitaria meu rosto para repousar do frenesi. Sabia que tamanha insensatez jamais encontraria um lugar no mundo palpável, era um sonho que eu contemplava da mesma forma como via a moça atravessar a rua em minha direção. A certeza de que nos cruzaríamos renovou o delírio.

Passou por mim sem dar pela minha presença, seguindo para longe, absorvida pela corrida rotineira da vida. Os quadris marcados sob a saia rodada do vestido juvenil atraíram meus olhos, mas não apenas os meus. Foi então que uma fagulha miúda de ciúmes queimou em meu peito e tratei de silenciá-la. Jamais foi ou seria minha, nem mesmo de qualquer pessoa, a moça apressada que me roubou aqueles instantes de desejo.

Segui meu caminho, ainda sob o martelar frenético do coração contra o peito, marcado para sempre por aquele encontro do qual somente eu me lembraria.